

# A DEMOGRAFIA DAS SOCIEDADES INSULARES PORTUGUESAS. SÉCULOS XV A XXI

CARLOTA SANTOS  
PAULO TEODORO DE MATOS

## FICHA TÉCNICA

**Título: A Demografia das Sociedades Insulares Portuguesas. Séculos XV a XXI**

Coordenação: Carlota Santos e Paulo Teodoro de Matos

Revisão: Joana Paulino

Figura da capa: Luís Teixeira, Descrição das Ilhas de São Jorge e do Pico.

Pergaminho colado sobre madeira, A 70 x L 93 cm. 1587.

Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, Portulano 17

Reproduzido com a autorização do Ministero dei Beni e delle Attività Culturali e del Turismo da Repubblica Italiana

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

Design gráfico: Helena Lobo [www.hldesign.pt](http://www.hldesign.pt)

ISBN: 978-989-8612-06-9

Depósito Legal: 368276/13

Concepção gráfica: SerSilito-Empresa Gráfica, Lda. [www.sersilito.pt](http://www.sersilito.pt)

Braga, Setembro 2013

# CONCENTRAÇÃO DEMOGRÁFICA EM ESPAÇO INSULAR: OS AÇORES, 1864-2011

GILBERTA PAVÃO NUNES ROCHA

Uma das características do arquipélago dos Açores é a sua desigualdade demográfica, associada, em primeiro lugar, à dimensão geográfica das várias ilhas, mas que a ela não se confina, sendo também de enorme importância a respectiva localização no interior do arquipélago, aspecto que não pode ser desenhado das ligações económicas, sociais e políticas que estabelecem nos diferentes períodos históricos.

Mas a singularidade, essencial para um conhecimento mais efectivo do todo decorrente do estudo de cada uma das partes, não deve ignorar igualmente a perspectiva regional, isto é, o papel que o arquipélago teve e tem nos cenários nacionais e internacionais, o seu estatuto de maior ou menor centralidade ou periféricidade.<sup>1</sup>

*Frequentemente situados nas periferias ou ultra-periferias geográficas dos principais centros de poder político e económico, as ilhas são, em muitos casos, lugares de encontro e transição, pontos de apoio nas rotas internacionais de comércio e circulação de pessoas. Circunscritas a um território limitado e a um quadro de relações sociais mais ou menos fechado, estes espaços foram gerando, ao longo do tempo, processos importantes de relações com o exterior que, inevitavelmente, se ampliaram no presente contexto de reforço das interações globais, no quadro de um mundo globalizado.<sup>2</sup>*

Se este é um aspecto relativamente conhecido para um passado mais recuado para o qual os historiadores – muitos de origem açoriana ou residentes na região – têm dado um contributo inestimável, a actualidade, bem como o futuro, inserida num mundo globalizado e em profunda transformação, obrigam a um aprofundamento analítico com base em configurações múltiplas. Ou seja, é importante perspectivar

---

<sup>1</sup> ROCHA, RODRIGUES, MADEIRA, MONTEIRO, 2005-2006.

<sup>2</sup> FONSECA, 2010: 7.

os arquipélagos e/ou as ilhas, as suas semelhanças e diferenças em termos mundiais, mas, e principalmente, em contextos de maior similitude, em passados e presentes comuns, como os arquipélagos da Macaronésia ou as regiões insulares da União Europeia, ou até a eles não se limitando como as Regiões Ultraperiféricas (RUP).

Neste artigo, reafirmámos a tese da diversidade da dinâmica populacional dos Açores, cujas ilhas se identificam pela sua especificidade e a permanência de algumas desigualdades relativamente marcantes, o que não impede que, tal como temos vindo a salientar, se verifique igualmente uma uniformidade nas grandes tendências de longo prazo, que enquadram uma evolução comum.<sup>3</sup>

Assim, e numa perspectiva demográfica, retomaremos e actualizaremos alguma da análise já trabalhada em outras ocasiões, que referenciamos, centrando-nos de modo particular na informação censitária tendo, conseqüentemente, em vista uma caracterização dos aspectos globais da população – e não das variáveis que justificam a sua dinâmica –, dividindo esta apresentação em dois pontos: um primeiro respeitante aos Açores e um segundo relativamente às suas ilhas. Na análise do volume e da estrutura, e tendo como objectivo central a análise da concentração populacional, ou seja, a maior ou menor atractividade de gentes, atenderemos de forma mais pormenorizada à população em idade adulta, pois dela se depreende, ainda que de modo indirecto, a interferência da mobilidade, que aqui estará subjacente, por ser um fenómeno determinante nos ritmos de crescimento da população açoriana.

*...não há dúvida que a história das ilhas esteve desde sempre ligada às migrações...As taxas e os saldos migratórios são, no caso das ilhas – e especialmente no que diz respeito aos fluxos de saída e à emigração –, em geral mais elevados do que sucede nos países ou regiões “continentais”<sup>4</sup>*

Com efeito, de modo distinto da mobilidade, e se exceptuarmos períodos curtos de aumentos da mortalidade, decorrente de algumas epidemias, esta última variável, tal como a natalidade, evoluem em tendências pesadas, de longo prazo, mais dificilmente alteráveis, que registam um declínio persistente, ainda que de ritmos distintos, que configuram entradas na modernidade mais ou menos tardias.<sup>5</sup>

Situamo-nos num período longo, de cerca de 150 anos, que se inicia com a publicação do 1º recenseamento português, respeitante ao ano de 1864. Para trás ficam outras informações estatísticas, dispersas ou ocasionais, que nem sempre obedeciam a regras claramente definidas e continuadas sobre as características da população e das variáveis demográficas, mas que nos permitem ver fundamentadas,

<sup>3</sup> ROCHA, 1990, 1991, 1995, 1997; 2008; 2010; ROCHA e FERREIRA, 2008.

<sup>4</sup> KING, 2010: 42.

<sup>5</sup> ROCHA, 1990, 1991, 2008, 2010; ROCHA, RODRIGUES, MADEIRA e MONTEIRO, 2005-2006; RODRIGUES e ROCHA, 2008; ROCHA, MEDEIROS e FERREIRA, 2010; ROCHA e FERREIRA, 2010; ROCHA, FERREIRA e MENDES, 2011.

para períodos anteriores, muitas das características diferenciadoras que observamos no período censitário. Encontramo-las, por exemplo, em estudos realizados por Reis Leite, Maria Isabel João, José Damião Rodrigues ou Artur Boavida Madeira, centrados especificamente sobre o arquipélago, ou em contextos mais vastos, de enquadramento nacional, em Sacuntala de Miranda, Joaquim Manuel Nazareth, Mário Ferreira Lages ou Mário Leston Bandeira, alguns com enfoque distrital, mas nos quais a diversidade demográfica surge já bem demarcada<sup>6</sup>.

Esperamos, assim, poder contribuir para a inserção dos Açores nos estudos mais vastos sobre as regiões insulares. Ainda que de um modo preliminar, insuficiente mesmo, dada a limitação a informações unicamente respeitantes ao volume e à estrutura demográfica, teremos como pano de fundo a tipologia proposta por Russel King relativamente à diferenciação entre ilhas *nodais* e *marginais*, não obstante as reservas colocadas pelo próprio autor<sup>7</sup>. Sendo um exercício já elaborado para anos mais recentes<sup>8</sup>, tentaremos a sua aplicabilidade a este período longo, de grandes transformações políticas, económicas e sociais, tanto a nível nacional como internacional.

## 1. A POPULAÇÃO DOS AÇORES

Tendo em conta a evolução da população residente, identificamos 4 grandes períodos que apresentam tendências bem distintas: um primeiro que vai até 1920, no qual podemos observar uma relativa estabilização, apesar das oscilações inter-censitárias e, principalmente, um declínio mais acentuado entre 1900 e 1920; um segundo período de forte crescimento populacional entre 1920 e 1960; um terceiro de acentuado declínio, desta última data até 1981 e um quarto período, novamente de relativa estabilização, de 1981 a 2011. De qualquer modo, e apesar do ligeiro acréscimo verificado nas duas últimas décadas, os Açores registam em 2011 um volume demográfico inferior ao que detinha nos últimos decénios do século XIX. A diferença é bastante mais significativa se considerarmos o ano de 1960, quando a população atinge o seu valor mais elevado, da ordem de 320 000 habitantes, ou seja, nestes últimos 50 anos o arquipélago perde mais de 70 000 residentes.

Considerando os vários períodos inter-censitários, a periodicidade anterior surge bem mais evidenciada, sendo de realçar, por um lado, os quantitativos correspondentes às décadas de vinte, trinta e quarenta do século passado, com variações percentuais

---

<sup>6</sup> Muitos outros autores têm dado contributos igualmente importantes para o conhecimento da população açoriana, mas que não englobam a totalidade do arquipélago, mas sim algumas das suas ilhas ou concelhos. Deles destacamos Norberta Amorim e Paulo Teodoro de Matos, na *Demografia Histórica*, ou Artur Teodoro de Matos na *História*.

<sup>7</sup> KING, 2010.

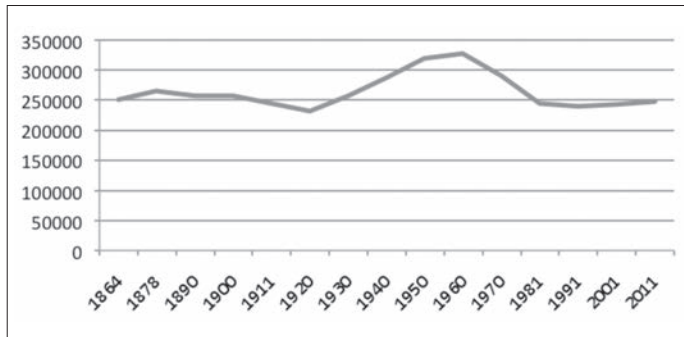
<sup>8</sup> ROCHA e FERREIRA, 2010.

positivas entre os 10% e os 12% e, por outro, as de sessenta e setenta, com variações negativas, que no primeiro caso atingem quase 12% e no segundo cerca de 16%.

**Gráfico 1.**

Evolução da população residente nos Açores 1864-2011

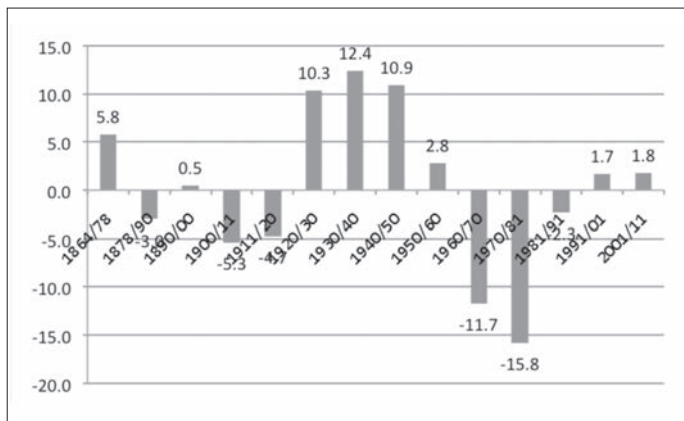
Fonte: INE, Recenseamentos da População; resultados preliminares do Censo de 2011



**Gráfico 2.**

Variação percentual da população residente nos Açores por períodos intercensitários 1864-2011

Fonte: INE, Recenseamentos da População; resultados preliminares do Censo de 2011



As mudanças nos contextos políticos e económicos de âmbito internacional existentes no primeiro período (1864-1920), de que se releva, no primeiro caso, a primeira guerra mundial e a consequente redistribuição do poder global, com a perda da preponderância geo-política europeia, designadamente da Inglaterra, a favor dos Estados Unidos da América, com a expansão e consolidação económica deste país, pode ter contribuído para uma diminuição da população dos Açores, por via de um acréscimo da emigração que, de resto, já era intensa e vinha, paulatinamente, a privilegiar este destino<sup>9</sup>. Cremos que o mesmo não se poderá dizer das mudanças a nível nacional, com a queda da monarquia e a consequente instauração do regime republicano<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> ROCHA, 2008.

<sup>10</sup> De realçar a importância dada pelo regime republicano no que respeita ao Registo Civil dos acontecimentos demográficos. Todavia, cremos que esta não se estendeu aos Censos, já da responsabilidade do poder político, cuja existência, relevância e preocupação de melhoria, bem como de inserção nas

É novamente o contexto internacional, de recessão ou de expansão económica, a que não são igualmente alheias opções político-ideológicas, que justifica as alterações dos períodos seguintes, quer no crescimento da população observado entre 1920 e 1960, quer na forte diminuição que se lhe segue entre esta última data e 1981. Novamente, é a impossibilidade de sair e depois a abertura à emigração para o continente norte-americano, os Estados Unidos, e posteriormente o Canadá, que jogam o papel fundamental nas estreitas opções de sobrevivência económica dos açorianos. As condicionantes nacionais são de pouca monta, mesmo quando as saídas para o estrangeiro e os países de destino da emigração portuguesa são politicamente defendidos ou criticados.<sup>11</sup>

No último período em análise, 1981-2011, verifica-se que as mudanças, em primeiro lugar políticas, mas com fortes repercussões económicas e sociais, permitem a afirmação do contexto nacional. Num mundo ocidental que começa a dar os primeiros passos para as dificuldades económicas, com a crise do petróleo, para uma futura estagnação e por fim para uma perda de importância na cena económica internacional já neste século, Portugal entra, com um atraso considerável, na modernidade. Fá-lo de modo incipiente e tardiamente, mas os efeitos foram e são visíveis. Desde logo a instauração dos regimes autonómicos que propiciam aos Açores estancar as saídas de população e até uma certa captação de estrangeiros e emigrantes regressados e, assim, inverter o declínio demográfico das décadas anteriores.<sup>12</sup>

As alterações observadas nos aspectos globais da população não respeitam unicamente às tendências e ritmos de evolução do volume, mas também às da estrutura etária, sendo o envelhecimento a tendência demográfica dominante, principalmente visível nas últimas décadas, em especial desde 1981. Desconhecendo-se, por enquanto, a população por idades em 2011 utilizaremos os dados relativos às estimativas para 2009 no que respeita aos grandes grupos de idade: Jovens, Adultos e Idosos, sublinhando que para esta última data o valor global é ligeiramente inferior ao observado nos dados preliminares do Censo de 2011, uma diferença de menos 728 habitantes<sup>13</sup>.

Atendendo à evolução da importância relativa dos Jovens (0-14 anos) e dos Idosos (65 e mais anos) constata-se que as enormes desigualdades inicialmente existentes entre estes dois grupos, da ordem dos 30 pontos percentuais em 1864, quantitativo que se mantém, com ligeiras alterações, até 1970, quando a diferença é da ordem dos 24

---

directivas internacionais são bem evidentes desde o início das suas publicações. (ROCHA, 1991; ROCHA e MADEIRA, 2003)

<sup>11</sup> ROCHA e FERREIRA, 2009.

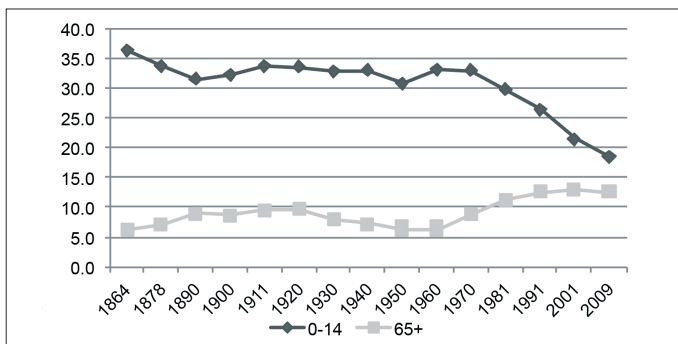
<sup>12</sup> ROCHA, MEDEIROS e FERREIRA, 2010; ROCHA, FERREIRA e MENDES, 2011.

<sup>13</sup> Sublinha-se que a repartição por grupos de idade considera a população presente (1864-1950) e a população residente (1960-2009), situação decorrente da informação estatística disponível, diferentemente do que acontece com a população global relativamente à qual utilizamos em todos os anos censitários a população residente.

pontos percentuais, registam a partir desta data mudanças muito significativas, com um declínio muito acentuado dos Jovens e um acréscimo nos Idosos, o que justifica que em 2011 a diferença seja apenas de 6 pontos percentuais. Assim, se na primeira década do século XXI os Açores apresentam uma percentagem de população mais nova ainda superior à dos mais idosos, as diferenças são cada vez mais atenuadas e, a manter-se a tendência, os quantitativos poderão ser idênticos num futuro relativamente próximo.

**Gráfico 3.**  
Evolução da importância relativa dos jovens e dos idosos nos Açores 1864-2009

Fonte: INE, Recenseamentos da População; Estimativas da população 2009



Sendo os valores percentuais acima apresentados influenciados pela evolução da população adulta, estes não deixam por si só de ser elucidativos das enormes transformações sociais verificadas nas últimas décadas do século XX, com uma entrada dos Açores nas características da modernidade contemporânea, que é tardia mas rápida, aspecto de enorme importância para a compreensão da sociedade açoriana e de cada uma das suas ilhas na actualidade, mas que não cabe no âmbito e objectivos deste artigo.

Com efeito, e tendo em conta os valores absolutos dos dois grupos etários anteriormente referidos nos anos de 1864 e 2009, verifica-se que no primeiro o número de indivíduos passa para metade e que no segundo duplica, ou seja, a população com menos de 15 anos que era na primeira data de cerca de 90 000 passa para valores da ordem dos 45 000, enquanto a que tem 65 e mais anos aumenta, respectivamente, de 15 000 para 30 000. Assim, ainda que de forma indirecta, evidencia-se o acentuado declínio da natalidade e da mortalidade, sendo que nos anos mais recentes a região ainda tem um saldo natural positivo, contrariamente ao que acontece a outras regiões portuguesas, mas já bastante diminuto, de apenas 444 pessoas entre 2001 e 2011.<sup>14</sup>

Se considerarmos agora o conjunto da população com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos, a diferença entre as duas datas vai no sentido de aumento, ou seja, enquanto que em 1864 o valor em pouco ultrapassa os 140 000, em 2009 situa-se quase nos 170 000. Ainda assim é um quantitativo inferior ao dos anos de 1950 e 1960, que é da ordem dos 200 000 indivíduos.

<sup>14</sup> ROCHA, 2011.



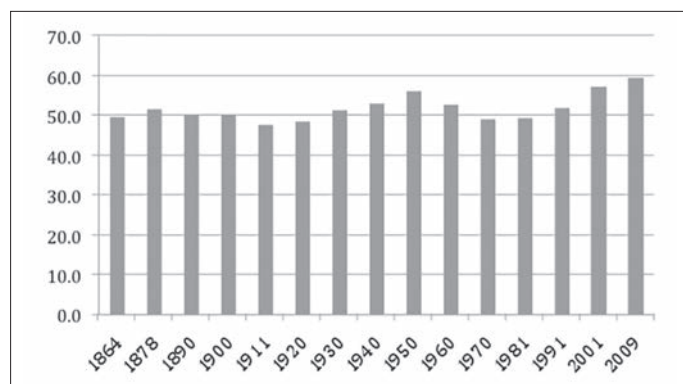
**Tabela 1.** Evolução dos indicadores de envelhecimento demográfico nos Açores – 1864 a 2009

	1864	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1981	1991	2001	2009
IDJ	63,4	57,0	52,6	54,4	59,3	59,0	55,3	54,8	49,3	55,0	56,4	50,3	43,3	32,7	26,8
IDI	11,0	11,9	14,8	14,6	16,8	16,9	13,4	11,9	10,8	11,1	15,0	19,1	20,4	19,9	18,1
IDT	74,4	68,9	67,4	69,0	76,1	76,0	68,7	66,7	60,1	66,0	71,5	69,4	63,7	52,7	45,0
IJ	575,6	477,4	356,4	371,9	352,7	348,6	412,8	460,7	456,7	496,1	375,1	263,0	211,8	164,3	148,0
IV	17,4	20,9	28,1	26,9	28,4	28,7	24,2	21,7	21,9	20,2	26,7	38,0	47,2	60,9	67,6

Fonte: INE, Recenseamentos da População; Estimativas da população 2009

Atendendo agora ao conjunto de índices que tipificam os níveis de envelhecimento, de acordo com a repartição dos grupos funcionais anteriormente referidos, facilmente se constata a enorme juventude da população açoriana, facto especialmente relevante até ao ano de 1981, mas cujas alterações mais intensas se fazem a partir da década de oitenta. Dependentes do aumento ou diminuição da população adulta os valores resultam também, e em grande parte, das alterações nos grupos dos Jovens e dos Idosos. De sublinhar que o número de jovens por cada 100 idosos que é da ordem dos 575 em 1864 passa para cerca de 150 em 2009 ou, em sentido inverso, que a percentagem de idosos face aos jovens passa nas mesmas datas de 17% para cerca de 68%. Apesar das enormes transformações sociais que aqui são evidenciadas, é de referir que estes últimos quantitativos identificam ainda hoje uma população relativamente jovem, tanto no contexto nacional, como mundial, considerando aqui os países com maiores índices de desenvolvimento económico e social.

Como inicialmente foi dito a evolução da população apresenta uma tendência inversa à da mobilidade, especialmente no que respeita à emigração, razão pela qual iremos em seguida especificar algumas das características estruturais do grupo etário onde habitualmente esta mais se faz sentir, isto é, aquele que tem idades compreendidas entre os 15 e os 54 anos<sup>15</sup>.



**Gráfico 4.** Evolução da população dos Açores entre os 15 e os 54 anos 1864 A 2009 (%)

Fonte: INE, Recenseamentos da População; Estimativas da população 2009

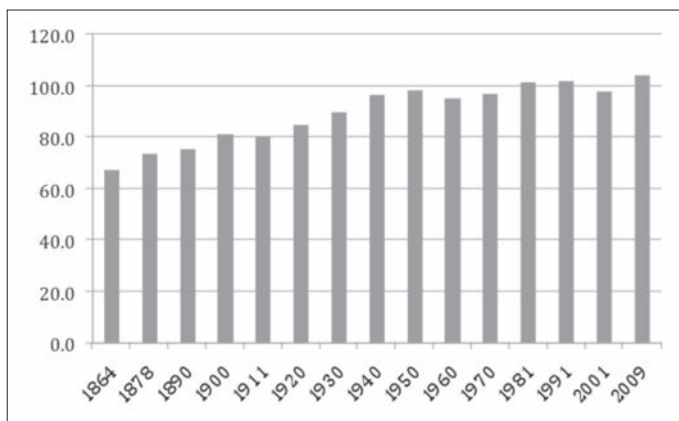
<sup>15</sup> Esta opção prende-se também com o facto de em alguns estudos que fizemos no âmbito das migrações ter sido considerada esta repartição etária.

No que respeita à importância relativa deste grupo etário no conjunto da população é bem visível a periodicidade anteriormente referida, pois nos anos censitários do século XIX os valores são da ordem dos 50%, quantitativo que diminui nas primeiras duas décadas do século XX. Com efeito, só a partir de 1930 passam a constituir mais de metade da população açoriana, situação que volta a alterar-se nos anos de 1960, 1970 e 1981, sendo que estes dois últimos anos registam valores semelhantes aos observados em 1911 e 1920. É em 2001 e 2009 que o peso relativo da população adulta é mais elevado, aproximando-se dos 60% em 2009, uma percentagem que não encontra similitude em qualquer ano anteriormente analisado. Não encontramos diferenças muito significativas entre os vários anos censitários no que respeita à importância relativa de cada grupo etário quinquenal no conjunto da população entre os 15 e os 54 anos, sempre com um valor mais elevado nos mais novos.

Contrariamente ao que acontece com a evolução da percentagem da população adulta, a diferenciação por sexo regista uma periodicidade algo distinta. Considerando os dois grandes períodos de emigração: 1864-1920 e 1950-1981<sup>16</sup> constata-se que só no primeiro o desequilíbrio entre o número de homens e mulheres é significativo, com valores para a Relação de Masculinidade inferiores a 80%, que em 1864 é da ordem dos 65%.

**Gráfico 5.**  
Evolução das relações de masculinidade da população dos Açores entre os 15 e os 54 anos, 1864 a 2009 (%)

**Fonte:** INE, Recenseamentos da População; Estimativas da população 2009

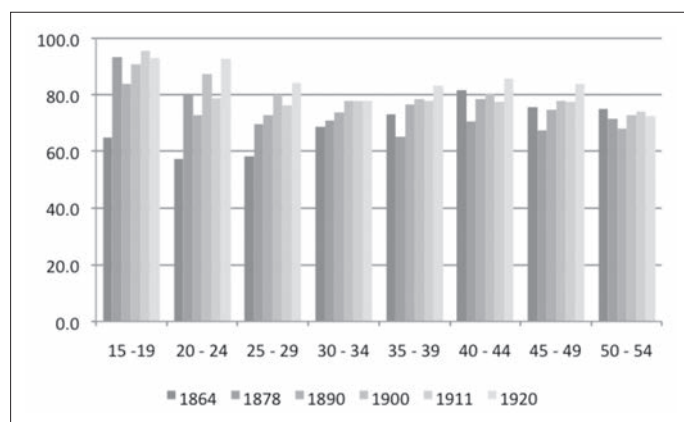


As Relações de Masculinidade são mais desequilibradas no século XIX que no século XX, muito particularmente no ano de 1864, situação muito visível naqueles que têm idades inferiores a 30 anos. Nestes anos, a população adulta jovem diminui o seu peso relativo, verificando-se ainda alguma desigualdade entre o número de homens e mulheres adultos com menos de 30 anos, facto que sendo muito notório

<sup>16</sup> ROCHA, 1991, 2008, 2010; ROCHA, FERREIRA e MENDES, 2011.

no ano inicial se altera já nos dados respeitantes ao 2º recenseamento português, em 1878.

Apesar de não podermos ignorar a possibilidade de uma deficiente qualidade dos dados, designadamente nos anos mais recuados<sup>17</sup>, e muito especialmente no recenseamento de 1864 – o que tem especial importância quando analisamos territórios de pequena dimensão, como é o caso dos Açores – não devemos descartar a possibilidade de haver uma correspondência entre estes desequilíbrios e a emigração que indicia ser preponderantemente masculina destes anos.



**Gráfico 6.**  
Evolução das relações de masculinidade da população dos Açores entre os 15 e os 55 anos, por grupos de idade, 1864 a 1920 (%)

Fonte: INE, Recenseamentos da População

No período seguinte, que apresenta um movimento natural positivo, a diminuição da emigração conduziu não só a um significativo aumento da população, como também a um reequilíbrio da estrutura etária e de sexo<sup>18</sup>. Entre 1920 e 1950 as Relações de Masculinidade aproximam-se dos 100%, facto bem visível em 1940 e 1950 principalmente nas idades jovens, uma vez que nos adultos menos jovens ainda são perceptíveis algumas diferenças, muito provavelmente decorrentes das saídas dos anos anteriores.

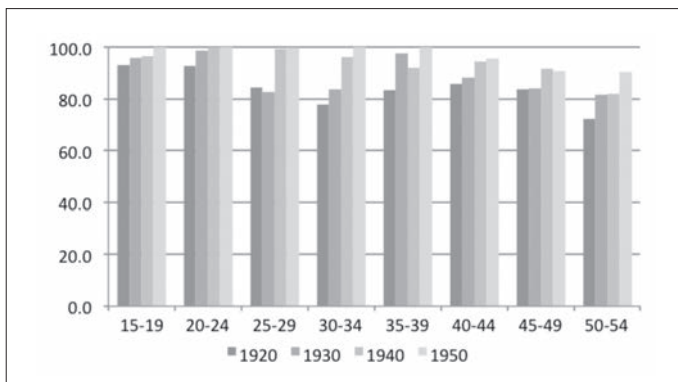
Já no período de 1950 a 1981, passa-se o inverso na tendência do volume, que diminui a um ritmo elevado, e na estrutura etária, com um significativo decréscimo relativo da população adulta, mas sem interferência na Relação de Masculinidade, indiciando a consolidação de uma emigração de ambos os sexos, de tipo familiar. Comparando com o outro período de forte emigração, o de 1864 a 1920, as semelhanças anteriormente encontradas na diminuição do valor percentual dos adultos, não se verifica no que respeita à estrutura por sexo, que é neste período bem distinta daquela que observámos nos finais do século XIX e princípios do século XX.

<sup>17</sup> ROCHA, 1991.

<sup>18</sup> ROCHA, 1991, 2008.

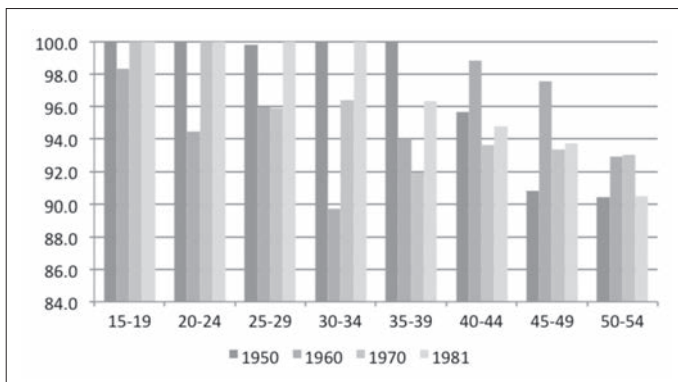
**Gráfico 7.**  
Evolução das relações de masculinidade da população dos Açores entre os 15 e os 55 anos, por grupos de idade, 1920 a 1950 (%)

Fonte: INE, Recenseamentos da População



**Gráfico 8.**  
Evolução das relações de masculinidade da população dos Açores entre os 15 e os 55 anos, por grupos de idade, 1950 a 1981 (%)

Fonte: INE, Recenseamentos da População



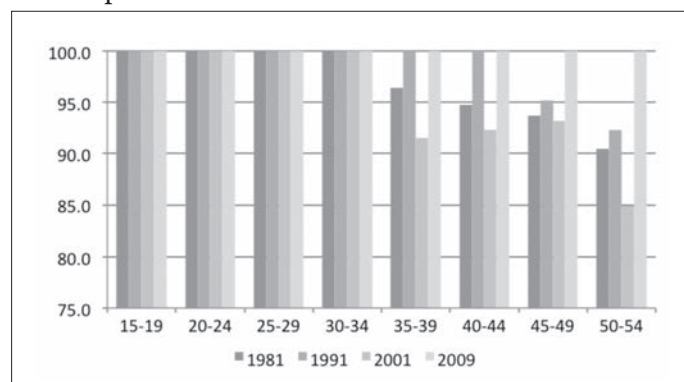
No último período em análise, de alguma estabilização na tendência do volume populacional, como anteriormente verificámos, e com um aumento relativo da população entre os 15 e os 54 anos, resultante em grande parte da diminuição da emigração, do aumento da imigração e do regresso de emigrantes<sup>19</sup> – mas também do declínio dos jovens, consequente à quebra da natalidade<sup>20</sup> – mantém-se o equilíbrio entre o número de homens e mulheres.

Não está ainda disponível a informação para 2011 no que respeita às variáveis idade e sexo, como já referimos, mas sim as estimativas para o ano de 2009. Apesar do volume global da população nesta última data ser inferior ao efectivamente registado em 2011, cremos que os dados que iremos utilizar são ainda assim fiáveis. A população com idades compreendidas entre os 15 e os 54 anos passa de um valor absoluto de 123 514 em 1991 para 138 674 em 2001 e um valor estimado para 2009 de 145 926. Ou seja, acréscimos de 12,3% no primeiro caso e de 5,2%

<sup>19</sup> ROCHA, MEDEIROS e FERREIRA, 2010; ROCHA, FERREIRA e MENDES, 2011.

<sup>20</sup> ROCHA e FERREIRA, 2008.

no segundo. A sua importância relativa aumenta, como vimos anteriormente, para valores próximos dos 60%.



**Gráfico 9.**  
Evolução das relações de masculinidade da população dos Açores entre os 15 e os 55 anos, por grupos de idade, 1981 a 2009 (%)

Fonte: INE, Recenseamentos da População

No que respeita às Relações de Masculinidade, prepondera o equilíbrio com valores da ordem dos 100% em praticamente todos os grupos de idade quinquenais, principalmente nos mais jovens, que em 2009 se estende igualmente aos adultos menos jovens.

A análise anterior relativa à repartição por idade e, fundamentalmente, por sexo, parece indicar que a emigração, designadamente a do período pré-censitário, deve ter contribuído para um desequilíbrio entre os sexos, sentindo-se mais fortemente na falta de população masculina adulta, o que já não acontece durante os intensos fluxos de saída dos anos compreendidos entre 1950 e 1981. Em sentido inverso, as entradas parecem propiciar um aumento mais significativo dos homens, que actualmente surgem em número idêntico ao das mulheres em praticamente todos os grupos de idade quinquenal da população adulta. Apesar da influência que o regresso de emigrantes possa ter no envelhecimento<sup>21</sup>, este é de algum modo compensado pela entrada de imigrantes jovens<sup>22</sup> e pela não saída de emigrantes, igualmente jovens, não obstante os efeitos das diferenças temporais da mobilidade que se possam fazer sentir neste grupo dos adultos.

## 2. A POPULAÇÃO DAS ILHAS

A desigualdade demográfica entre as ilhas é, antes de mais, uma diferenciação decorrente da dimensão territorial: São Miguel distingue-se das demais ilhas pela sua maior área, mais de 30% de todo o território regional; seguem-se-lhe o Pico e a Terceira, com valores de 19% e 17%, respectivamente; São Jorge, apresenta uma maior diferença, com apenas 10%, enquanto que as restantes registam valores

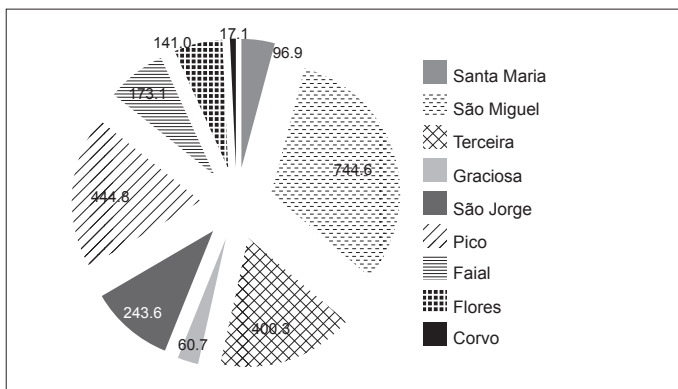
<sup>21</sup> ROCHA, FERREIRA e MENDES, 2011.

<sup>22</sup> ROCHA, MEDEIROS e FERREIRA, 2010.

bastante mais baixos, principalmente o Corvo com apenas 0,7% e a Graciosa com 2,6%. Todavia, a extensão do território não é o único aspecto de ordem geográfica a tomar em consideração numa análise demográfica. Além de outras características, releva-se a maior ou menor centralidade face ao exterior, nos vários períodos históricos, a proximidade entre as ilhas e as respectivas orografias.

**Gráfico 10.**  
Área das ilhas dos Açores (KM<sup>2</sup>)

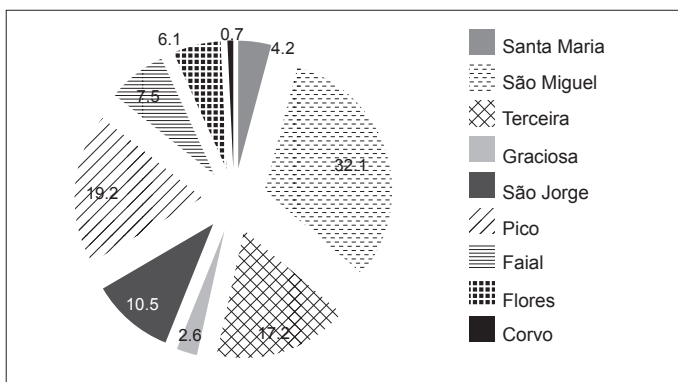
Fonte: SRAM, PROTA



Com efeito, o arquipélago apresenta uma maior concentração de ilhas no grupo central, havendo uma grande proximidade entre as do Faial e Pico, que não distam muito de São Jorge, sendo que esta última está igualmente próxima da Terceira e Graciosa. Situação bem distinta encontramos nos grupos ocidental e oriental, principalmente neste último onde é maior a distância entre as ilhas de Santa Maria e São Miguel do que aquela que existe entre as Flores e o Corvo.

**Gráfico 11.**  
Área das ilhas dos Açores (%)

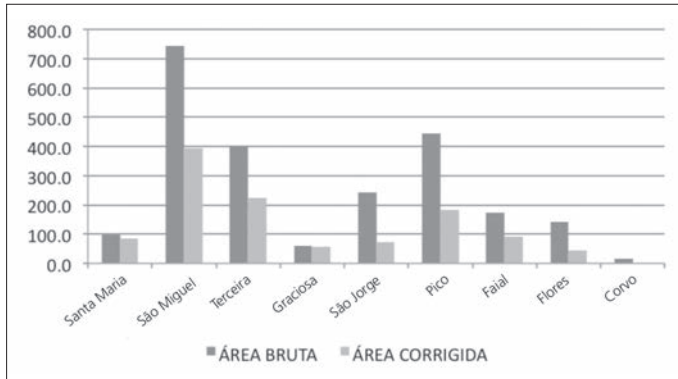
Fonte: SRAM, PROTA



Não admira, assim, que ao longo dos séculos a história das ilhas, de cada uma das ilhas, se sustentasse em parcerias de proximidade interna e de relações privilegiadas em termos externos. A própria organização político-administrativa não foi,

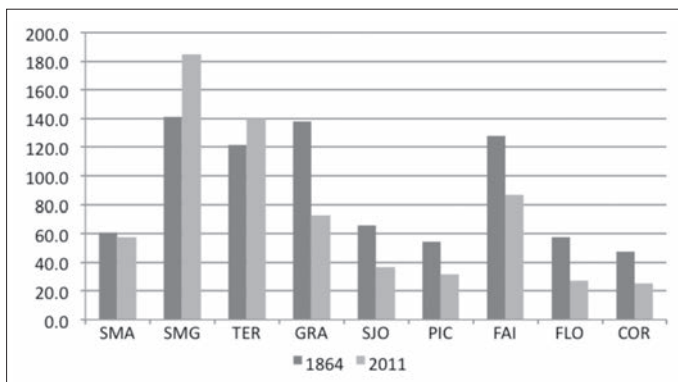
ao longo dos séculos, imune à localização e dispersão geográfica, existindo, ainda hoje, num contexto global da Região Autónoma dos Açores, visibilidade económica e social dos antigos distritos (1836-1976) de Angra do Heroísmo (ilhas Terceira, Graciosa e São Jorge); Horta (Pico, Faial, Flores e Corvo) e de Ponta Delgada (Santa Maria e São Miguel) e as respectivas capitais que os identificavam: as cidades de Angra do Heroísmo, Horta e Ponta Delgada<sup>23</sup>.

O povoamento e a conseqüente concentração demográfica resultaram também da orografia, facto especialmente visível na ilha do Pico com a sua magnífica montanha de mais de 2 000 metros de altitude. Comparando a área bruta e área corrigida abaixo dos 300 metros a desigualdade é ainda considerável, com limites máximos e mínimos de 745 km<sup>2</sup> e 17 km<sup>2</sup>, no primeiro caso, e de 393 km<sup>2</sup> e 8 km<sup>2</sup> no segundo, com coeficientes de variação de 2,5 e 0,9, respectivamente.



**Gráfico 12.**  
Áreas bruta e corrigida das ilhas dos Açores (Km<sup>2</sup>)

Fonte: SRAM, PROTA



**Gráfico 13.**  
Densidade populacional bruta das ilhas dos Açores em 1864 e 2011 (Km<sup>2</sup>)

Fonte: INE, recenseamentos da População; SRAM, PROTA

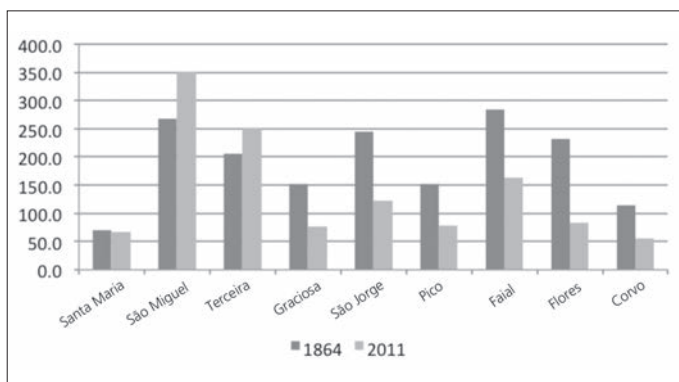
<sup>23</sup> Encontramos ainda hoje associações profissionais que agregam os seus membros nesta perspectiva, como são exemplo as Câmaras de Comércio e Indústria de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta ou o Centro de Formação da Associação de Escolas da Terceira, São Jorge e Graciosa (ex-distrito de Angra do Heroísmo)

Tendo em conta o ano de 1864 podemos desde logo identificar dois grupos de ilhas: um primeiro com densidades brutas mais elevadas, superiores a 120 habitantes por km<sup>2</sup>, formado pelas ilhas de São Miguel, Terceira, Graciosa e Faial e um segundo grupo, que engloba as restantes ilhas com densidades que oscilam entre, sensivelmente, 40 a 60 habitantes por km<sup>2</sup>. Em 2011, a situação é mais diversificada, com apenas duas ilhas a registarem densidades superiores a 100 – São Miguel e Terceira, mas ainda assim com diferenças significativas entre si. Seguem-se-lhes o Faial, a Graciosa e, até mesmo, Santa Maria, com quantitativos entre os cerca de 70 a 85 habitantes por km<sup>2</sup> e, por fim, as restantes ilhas com valores mais baixos, entre os 25 e os 37 habitantes por km<sup>2</sup>.

Tomando em consideração as densidades populacionais corrigidas, a situação é bem distinta e a diversidade menos acentuada. Em 1864, podemos observar que o valor mais elevado respeita à ilha do Faial, com cerca de 284 habitantes por km<sup>2</sup> enquanto que o menor respeita à ilha de Santa Maria, com apenas 66 habitantes por km<sup>2</sup>. Neste caso, verifica-se que em 1864 existem cinco ilhas com valores superiores a 200 habitantes por km<sup>2</sup>: São Miguel, Terceira, São Jorge, Faial e Flores; a Graciosa e o Pico, com um quantitativo da ordem dos 150 e, por último, o Corvo e Santa Maria com 115 e 70 habitantes por km<sup>2</sup>, respectivamente. Embora a diversidade entre as ilhas seja inferior à verificada na densidade bruta não deixa, ainda assim, de ser relevante.

**Gráfico 14.**  
Densidade populacional corrigida das ilhas dos Açores em 1864 e 2011 (KM<sup>2</sup>)

Fonte: INE, recenseamentos da População; SRAM, PROTA

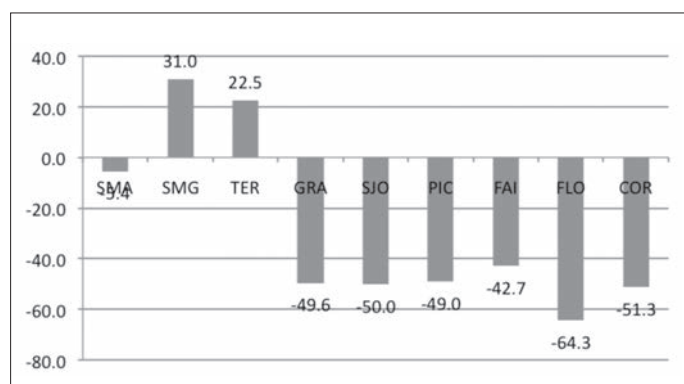


A evolução demográfica verificada ao longo dos últimos 150 anos conduziu, assim, a uma desigualdade ainda mais acentuada, com as densidades corrigidas a poderem ser identificadas, ainda que de forma um pouco arbitrariamente, em três grupos de ilhas: um primeiro formado por São Miguel e Terceira, com quantitativos de 351 e 252 habitantes por km<sup>2</sup>; um segundo que engloba as ilhas São Jorge e Faial, com valores de 123 e 152, respectivamente, mas no qual poderia ser igualmente colocada a ilha Terceira, o que levaria a que a de São Miguel surgisse isoladamente



e, por fim as outras ilhas – Santa Maria, Graciosa, Pico, Flores e Corvo – com quantitativos entre os 55 e os 77 habitantes por km<sup>2</sup>, sensivelmente.

Neste sentido, e sendo discutível o pressuposto adoptado para a densidade corrigida<sup>24</sup>, pensamos que se a dimensão territorial, e em especial o espaço habitável e habitado, são aspectos determinantes na compreensão da pluralidade das dinâmicas demográficas dos Açores, dando um papel de relevo às condicionantes geográficas, estas não justificam por si só, pelo menos de forma directa, todas as diferenças encontradas.



**Gráfico 15.**  
Variação percentual da população residente dos Açores, por ilha, 1864-2011

Fonte: INE, recenseamentos da População

Na evolução da população de cada uma das ilhas neste longo período censitário, ressalta, desde logo, a visibilidade de São Miguel e da Terceira. Com efeito, tomando o conjunto do período, ou seja, os anos iniciais e finais, de 1864 e 2011, respectivamente, somente aquelas ilhas registam um acréscimo de população, da ordem dos 31% na primeira e de 22,5% na segunda. Se exceptuarmos Santa Maria, com um decréscimo de cerca de 5%, as restantes perdem cerca de metade da sua população, em especial as Flores, com uma diminuição da ordem dos 64%.

Não se encontra, contudo, sempre uma ligação directa entre a dimensão territorial e a variação populacional. Se ela é um facto nas ilhas de São Miguel e Terceira, o mesmo não se pode dizer de Santa Maria, que com a sua pequena área e densidade demográfica se distingue da evolução verificada em outras ilhas maiores e mais densamente povoadas.

A tendência de evolução nos vários períodos inter-censitários, que apresentamos na tabela 2, mostra-nos que após o aumento populacional dos anos trinta e quarenta, que é geral a todas ilhas, o que confirma o que anteriormente vimos para o arquipélago no seu conjunto, nem todas voltam a atingir os volumes populacionais de épocas

<sup>24</sup> Não nos foi possível obter informação actualizada sobre as áreas habitáveis e habitadas.

anteriores, designadamente os que detinham durante o século XIX. Considerando a periodização apresentada a nível do arquipélago, verifica-se que entre 1864 e 1920 somente Santa Maria, com o maior acréscimo, São Miguel e Terceira registam valores positivos. Todas as outras ilhas apresentam em 1920 um volume populacional inferior ao que tinham em 1864, com uma variação de -20% e mais, com excepção da Graciosa que regista uma variação percentual de -14,2%, que nas Flores quase atinge os -40%. A diversidade regional é, assim, já neste período uma realidade.

Tabela 2. Variação percentual da população dos Açores, por ilha, 1864-1920; 1920-1950; 1950-1981; 1981-2011

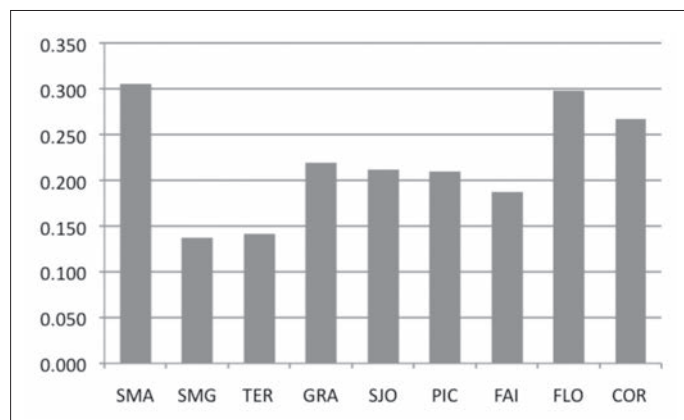
	AÇO	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR
1864-1920	-7,0	10,1	6,3	1,1	-14,2	-25,8	-28,1	-28,0	-36,7	-25,1
1920-1950	37,6	83,4	47,8	30,5	27,3	23,5	13,2	26,5	16,8	10,1
1950-1981	-23,6	-45,1	-20,1	-11,3	-43,5	-37,2	-31,4	-35,3	-44,6	-49,2
1981-2011	1,1	-14,7	4,4	4,7	-18,3	-13,2	-8,6	-2,9	-12,9	16,2

Fonte: INE, Recenseamentos da População

Entre 1920 e 1950, o crescimento é um facto que se generaliza a todas as ilhas, mas mesmo assim, também com diferenças muito elevadas, cujas variações são superiores a 40% no caso de Santa Maria e São Miguel; entre 20% e 40% na Terceira, Graciosa, São Jorge e Faial e inferior a 20% no Pico, Flores e Corvo.

Nos anos cinquenta, sessenta e setenta, que correspondem ao período de maior declínio populacional e de maior intensidade dos fluxos emigratórios, a diminuição em algumas ilhas faz-se sentir de modo especialmente elevado, com decréscimos superiores a 40% em Santa Maria, Graciosa, Flores e Corvo, sendo em São Miguel e na Terceira que se registam os valores mais baixos, inferiores a 20%. São estas duas ilhas, conjuntamente com o Corvo, as únicas que apresentam aumentos no período mais recente, 1981-2011, enquanto a Graciosa, Flores, São Jorge e Santa Maria apresentam os maiores declínios, superiores a 10%.

Assim, a variação total verificada na ilha de Santa Maria, com um fraco declínio global resulta, por um lado, de uma diminuição pouco acentuada no primeiro período (1864-1920), a que se junta um elevadíssimo crescimento no segundo período (1920-1950), pois a partir daí é uma das ilhas dos Açores que mais habitantes perdeu, com variações percentuais negativas similares às que encontramos na Graciosa, Flores e Corvo. Nestas, todavia, temos de associar as tendências populacionais registadas nos períodos mais recuados. Com efeito, estas ilhas apresentam alterações muito significativas logo no século XIX e princípios de XX, época que é, igualmente, de acentuado declínio demográfico nas ilhas de São Jorge, Pico e Faial, ou seja, nos grupos central e ocidental do arquipélago, se exceptuarmos a ilha Terceira.



**Gráfico 16.**  
Coeficiente de variação da população residente dos Açores, por ilha - 1864 a 2011

Fonte: INE, recenseamentos da População

O coeficiente de variação dos volumes populacionais nos diversos anos censitários identifica bem três grandes grupos: São Miguel e Terceira com a menor variabilidade; Santa Maria, Flores e Corvo com a maior; Graciosa, São Jorge, Pico e Faial com uma variabilidade semelhante entre si e intermédia face aos outros dois grupos.

As diferenças na evolução demográfica são, pois, distintas, quer nos períodos de crescimento, como de diminuição populacional. De um modo geral, são as ilhas que aumentam de volume de população, no primeiro caso, as que menos perdem no segundo ou, em sentido inverso, as que mais perdem no segundo são as que menos aumentam no primeiro, constituindo-se, assim, num prazo longo, níveis de atractividade populacional bem demarcadas no interior do arquipélago dos Açores. Se em algumas ilhas o posicionamento varia nos vários períodos, de que Santa Maria é um bom exemplo, noutras, como a ilha das Flores, o declínio demográfico ou a fraca recuperação é uma constante, enquanto que em São Miguel e na Terceira o aumento é relativamente permanente.

Mas as diferenças entre as ilhas não respeitam unicamente aos ritmos de crescimento populacional. Com efeito, se atendermos à estrutura etária encontramos ao longo de todo este período situações bastante distintas, podendo dizer-se que, de um modo geral, São Miguel se distingue das demais ilhas por ser muito mais jovem, quer na base, quer no topo, enquanto que Pico ou São Jorge se apresentam logo em 1864 como das mais envelhecidas<sup>25</sup>.

Com vista a um melhor conhecimento da população entre os 15 e os 54 anos e a sua responsabilidade na tendência de concentração demográfica anteriormente descrita para a globalidade da população, iremos em seguida analisar a sua evolução, à semelhança do que foi feito a nível regional, tomando agora como indicador as

<sup>25</sup> ROCHA, 1991, 2008, 2010.

Taxas de Crescimento Anual Médio. Relativamente aos anos de 1864 a 1920, dados os desequilíbrios encontrados na diferenciação por sexo usaremos também as Relações de Masculinidade naquele nível etário, por grupos de idade quinquenais<sup>26</sup>.

**Tabela 3.** Taxas de crescimento anual médio nos Açores, por ilhas, nas idades compreendidas entre os 15 e os 54 anos entre 1864/1878; 1878/1890; 1890/ 1900; 1900/1911 e 1911/1920

%	Açores	Sma	Smg	Ter	Gra	Sjo	Pic	Fai	Flo	Cor
1864-1878	0,64	0,94	1,49	0,21	-0,38	0,51	-0,09	-0,45	-1,16	-0,02
1878-1890	-0,62	0,10	-0,90	0,06	-0,53	-0,70	-0,31	-0,83	-1,40	-1,08
1890-1900	0,39	-0,21	1,11	0,32	-0,06	-0,89	-1,13	-0,02	-0,67	0,11
1900-1911	-1,07	-0,79	-0,82	-0,74	-1,07	-2,18	-1,65	-1,69	-1,92	-1,41
1911-1920	-0,25	0,43	-0,43	-0,02	0,89	-0,13	-0,21	-0,50	-0,05	-0,28

Fonte: INE, recenseamentos da População

Nestes anos, encontramos declínios muito significativos e persistentes nas ilhas do grupo central e ocidental, com excepção da Terceira. Entre 1864 e 1878, os valores positivos registados a nível regional não são acompanhados nas ilhas Graciosa, Pico, Faial, Flores e Corvo, tendência que se mantém entre 1890 e 1900, a que se associa igualmente a ilha de São Jorge. Nos anos em que no arquipélago se registam diminuições, estas ilhas apresentam taxas negativas normalmente mais elevadas, indiciando, assim, saídas muito mais intensas de população adulta.

Observando as Relações de Masculinidade nos vários anos censitários deste período encontramos algumas situações que requerem alguma reflexão. Não ignoramos a deficiente qualidade dos dados censitários, nem a pequenez de efectivos, como já sublinhámos. Ainda assim, entendemos que vale a pena ter em conta a informação, que, em nosso entender, indicia igualmente saídas mais preponderantes nos indivíduos do sexo masculino, particularmente elevadas em algumas ilhas.

As várias ilhas registam situações distintas, sendo nas da Graciosa, São Jorge, Pico, Faial, Flores e Corvo que são mais notórias as faltas de elementos do sexo masculino. Com efeito, em 1864, as diferenças são menores em São Miguel, com valores sempre acima dos 60%, e até mesmo na Terceira e em Santa Maria, onde não se regista a continuidade verificada nas outras ilhas. Passados 14 anos, em 1878, encontramos semelhanças mas também diferenças face ao observado em 1864. Mantém-se a situação singular de São Miguel, agora com quantitativos ainda mais próximos de 100%, verificando-se que a situação de equilíbrio entre o número de homens e mulheres se estende igualmente à ilha Terceira, sendo que

<sup>26</sup> Entendendo ser vantajoso o seu cálculo para cada um dos anos censitários, apresentamos os respectivos quadros em anexo.

em Santa Maria os valores não são muito distintos dos observados anteriormente. De realçar a situação na Graciosa que indicia alterações na saída de elementos do sexo masculino em período próximo deste ano censitário, uma vez que não se mantêm os desequilíbrios tão acentuados nas gerações mais novas como acontecia em 1864, mas que estão ainda bem presentes nas mais velhas. Em 1890, os efeitos temporais são ainda visíveis num contexto de reequilíbrio entre o número de homens e mulheres que, todavia, ainda se expressa de forma evidente nas gerações mais novas de São Jorge, Faial, Flores e Corvo, situação que na década seguinte se concentra fundamentalmente nestas duas últimas ilhas.

Tivemos a oportunidade de observar que, tanto a nível do conjunto do arquipélago, como das várias ilhas, há uma diminuição generalizada da população entre 1900 e 1911. Todavia, as Relações de Masculinidade não parecem ser tão afectadas, se exceptuarmos as ilhas das Flores e Corvo, as únicas ilhas que em 1920 ainda registam os valores mais baixos deste indicador nas idades compreendidas entre os 20 e 30 anos.

Assim, ao longo de quase 60 anos que medeiam o período de 1864 a 1920, no qual as ilhas açorianas perdem população adulta, verificamos que as perdas não são só de diferente intensidade, como parecem atingir de forma distinta homens e mulheres. Mesmo considerando uma deficiente qualidade dos dados, cremos que poderemos igualmente responsabilizar os movimentos de saída pela diversidade anteriormente encontrada, quer esta se faça sentir de forma directa e de curto prazo, como indirecta, num período mais longo, através da interferência na nupcialidade e natalidade (Rocha, 1991; 2008).

Como já tínhamos anteriormente observado a nível da totalidade da população das várias ilhas, o aumento da população adulta entre 1920 e 1950 regista ritmos de crescimento diferenciados, normalmente mais baixos nas ilhas que mais perderam população no período anterior e que, conseqüentemente, apresentam uma fraca recuperação, que não permitem que estas voltem a ter os volumes populacionais de anos anteriores.

**Tabela 4.** Taxas de crescimento anual médio da população nas ilhas dos Açores com idades compreendidas entre os 15 e os 54 anos em 1920-1930; 1930-1940 e 1940-1950

	Açores	Sma	Smg	Ter	Gra	Sjo	Pic	Fai	Flo	Cor
1920/30	1,49	1,06	1,64	1,26	1,81	1,06	0,83	2,17	1,47	0,25
1930/40	1,52	1,85	1,91	1,17	0,60	1,10	0,58	1,53	0,99	1,13
1940/50	1,56	4,85	1,48	1,80	1,51	1,54	1,43	0,33	1,46	1,79

Fonte: INE, Recenseamentos da População

No que respeita à população adulta, destacam-se as situações excepcionais do Faial nos anos vinte e, principalmente, de Santa Maria nos anos quarenta, com Taxas de Crescimento Anual Médio mais elevadas do que o conjunto da Região, que neste último caso atinge valores cerca de 4 vezes superior. Ambas as situações decorrem de uma mobilidade de entrada, que no caso do Faial pode associar-se à construção dos cabos submarinos que, iniciada em 1893, tem nos anos vinte uma grande preponderância. Como refere Ricardo Madruga da Costa: “Até 1928 “amarram” na Horta 15 cabos submarinos, transformando a pequena cidade num dos maiores centros de comunicações do mundo”<sup>27</sup>. Em Santa Maria, releva-se a construção do aeroporto durante a 2ª guerra mundial. É também a construção do aeroporto e a instalação da Base Militar norte-americana das Lajes que justificam os valores positivos encontrados na ilha Terceira nos anos cinquenta<sup>28</sup>.

Tabela 5. Taxas de crescimento anual médio da população nas ilhas dos Açores com idades compreendidas entre os 15 e os 54 anos em 1950-1960; 1960-1970 e 1970-1981

	Açores	Sma	Smg	Ter	Gra	Sjo	Pic	Fai	Flo
1950/60	-0,31	0,20	-0,49	1,12	-1,60	-0,41	-0,33	-2,31	-1,71
1960/70	-2,07	-3,01	-1,99	-1,42	-2,12	-2,45	-2,94	-3,08	-2,58
1970/81	-1,49	-4,03	-0,97	-1,84	-3,69	-2,55	-1,72	-0,67	-3,52

Fonte: INE, Recenseamentos da População

O período de maior declínio populacional do século XX, nas décadas de sessenta e setenta, apresenta como novidade a ilha de Santa Maria que, após o elevado crescimento do período anterior, regista os declínios mais intensos do arquipélago, com perdas de população adulta superiores às ilhas que ao longo do tempo vinham a perder população. Esta é uma situação que mantém ainda nos anos oitenta, embora seja neste caso ultrapassada pela Graciosa.

Chegando ao último período, não podemos, tal como a nível da globalidade do arquipélago, ter atenção à última década, isto é, 2001-2011 (2009), uma vez que os dados conhecidos, tanto os preliminares de 2011, como as estimativas de 2009, não contemplam as ilhas, mas sim a totalidade regional, pelo que a nossa análise da população termina em 2001. Contrariamente ao que observamos para globalidade da população, que durante a década de noventa do século passado apresenta declínios na maioria das ilhas, com excepção para São Miguel, Terceira e Corvo, a população adulta aumenta em todas as ilhas.

<sup>27</sup> COSTA, 2003.

<sup>28</sup> ROCHA, 1991, 2008.

**Tabela 6.** Taxas de crescimento anual médio da população nas ilhas dos Açores com idades compreendidas entre os 15 e os 54 anos em 1981-1991 e 1991-2001

	Açores	Sma	Smg	Ter	Gra	Sjo	Pic	Fai	Flo	Cor
1991/81	0,25	-0,53	0,22	0,57	-0,62	0,01	-0,08	0,33	0,39	0,64
2001/91	1,16	0,52	1,50	0,77	0,12	0,33	0,78	1,38	0,20	3,54

Fonte: INE, Recenseamentos da População

Sendo territórios com áreas e densidades populacionais distintas, de dispersão e proximidades geográficas diferenciadas, as ilhas dos Açores, inserem-se, com alguma individualidade, nas relações económicas e políticas nacionais e internacionais, enquadradas, assim, por uma história local que determina ou influencia o aumento ou a diminuição das suas gentes.

As repercussões ultrapassam o curto ou o médio prazo, como sempre acontece com os fenómenos demográficos. Se em algumas ilhas as várias tendências observadas nos diversos períodos atenuam a existência de estruturas populacionais desequilibradas, noutras acentua-as, mas não alteram substancialmente a tendência pesada de concentração populacional nas ilhas de maior dimensão e mais densamente povoadas, situação que, como vimos, não é recente, pois fez-se pelo menos ao longo do último século e meio, tanto nos períodos de crescimento, como de declínio demográfico.

Tendo como referência alguns dos pressupostos teóricos defendidos por Russel King na dicotomia de espaços *marginais* e *nodais* (2010) – na qual o autor coloca hoje reservas pelo seu carácter demasiado simplista para a compreensão das regiões insulares na actualidade, isto é, num mundo cada vez mais globalizado e especializado – podemos, encontrar algumas possibilidades de tipologia que nos ajude a melhor compreender a diversidade demográfica dos Açores e o posicionamento relativo das várias ilhas açorianas, bem como a sua inserção no contexto mais vasto a nível internacional. Apesar da limitação resultante de uma análise centrada numa única perspectiva, a concentração populacional *versus* despovoamento e um indicador, a Taxa de Crescimento Anual Médio, consideramos que pode ser um contributo para uma posterior integração de outros elementos explicativos, quer de âmbito demográfico, como económico e social.

As ilhas nodais tendem a atrair e enviar população.... Já as ilhas marginais exibem habitualmente uma tendência para a emigração e o despovoamento<sup>29</sup>

Num contexto amplo, os Açores podem ser classificados como *marginais*, apesar das mudanças verificadas desde a década de oitenta do século passado, que indi-

<sup>29</sup> KING, 2010: 42.

ciam uma alteração que vai no sentido de uma maior centralidade: “... processo de “recentramento” de algumas periferias insulares, evidente no crescimento económico de regiões como a Irlanda, os Açores e a Madeira”<sup>30</sup>

Quando aplicados às várias ilhas, e numa escala obviamente distinta, julgamos poder afirmar que: São Miguel e Terceira apresentam-se ao longo de todo este período com uma natureza essencialmente *nodal*, pois têm sido globalmente mais atractivas; Graciosa, São Jorge, Pico, Flores e Corvo, ainda que de forma distinta, surgem, com alguma permanência, com um carácter *marginal*; as ilhas do Faial e de Santa Maria, apresentam um carácter de algum modo intermédio, sendo das que registam ao longo de todo o período uma maior variabilidade, pelo que poderão integrar-se hoje, respectivamente, no primeiro e no segundo grupos.

## FONTES

- INE (Instituto Nacional de Estatística), Recenseamentos da População (1864 a 2001; Resultados Preliminares do Censo de 2011; Estimativas da população residente 2009).
- SRAM (Secretaria Regional do Ambiente e do Mar – Governo Regional dos Açores), PROTA (Plano Regional de Ordenamento do Território dos Açores) 2010.

## BIBLIOGRAFIA

- BANDEIRA, M. L. (1996), *Demografia e Modernidade – Família e Transição Demográfica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- COSTA, R. M. “Breve Esboço Histórico do Faial” in *Horta Faial Inventário do Património Imóvel dos Açores*, Direcção Regional da Cultura do Governo Regional dos Açores: 21-34: 27.
- FONSECA, M.L. (2010), “Introdução” in Lucinda Fonseca (org) Conferência Internacional *Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares*, Lisboa, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD): 7-18.
- JOÃO, M. I. (1991), *Os Açores no século XIX. Economia, Sociedade e Movimentos Autonomistas*, Lisboa, Edições Cosmos.
- KING, R. (2010), “A geografia, as ilhas e as migrações numa era de mobilidade global”, in Lucinda Fonseca (org) Conferência Internacional *Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares*, Lisboa, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD): 27-62.
- LAGES, M. F. (1979), *A Natalidade Portuguesa*, Pontificia Universitas Gregoriana.
- LEITE, J. G. (1968), *Administração, Sociedade e Economia dos Açores, 1766-1793*, Lisboa, Faculdade de Letras (edição policopiada).
- NAZARETH, J. M. (1979), *O Envelhecimento da População Portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença/Gabinete de Investigações Sociais.
- NAZARETH, J. M. (2009), *Crescer e Envelhecer – constrangimentos e oportunidades do envelhecimento demográfico*, Lisboa, Editorial Presença.

<sup>30</sup> FONSECA, 2010: 8.



- MADEIRA, A. B. (1999), *População e emigração nos Açores (1766-1820)*, Cascais, Patrimonia.
- MIRANDA, S. (1999), *A Emigração Portuguesa e o Atlântico – 1870-1930*, Lisboa, Edições Salamandra.
- ROCHA, G. P. N. (1990), “Os Açores na viragem do século, 1860-1930 – características da sua evolução demográfica”, in *II Colóquio Internacional de História da Madeira*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses:849-863.
- ROCHA, G. P. N. (1991), *Dinâmica Populacional dos Açores no século XX – Unidade. Permanência. Diversidade*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores.
- ROCHA, G. P. N., RODRIGUES, V. L. G. (1995) “Contributo para o estudo da população dos Açores nos finais do séc. XVIII” in *III Colóquio Internacional – Os Açores e o Atlântico*, vol. II, Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira: 53-101.
- ROCHA, G. P. N. (1997) “O impacto das migrações na população dos Açores na segunda metade do séc. XX”, in *História das Ilhas Atlânticas – Actas do IV Colóquio Internacional de História do Atlântico*, Vol. II, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico: 449-467.
- ROCHA, G. P. N., RODRIGUES, J. D., MADEIRA, A. B., MONTEIRO, A. (2005-2006), “Os Açores como região de fronteira”, *Arquipélago – História*, 2ª série, vol. IX, Ponta Delgada, Universidade dos Açores: 105-140.
- ROCHA, G. P. N., MADEIRA, A. B (2003), “Informação demográfica nos Açores oitocentistas” in *Ernesto do Canto – o Homem e o Tempo*, Ponta Delgada, Câmara Municipal de Ponta Delgada:403-424.
- ROCHA, G. P. N. (2008), “Crescimento da população e os novos destinos da emigração”, in Matos, A. T., Meneses, A. de F. de e Leite, J. G. R. (Dirs.), *História dos Açores*, Vol. II, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura: 265-305.
- ROCHA, G. P. N. e FERREIRA, E. (2008), “População e circulação de pessoas”, in Matos, A. T., Meneses, A. de F. de e Leite, J. G. R. (Dirs.), *História dos Açores*, Vol. II, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura: 581-610.
- ROCHA, G. P. N. e FERREIRA, E. (2009), “Azorean Emigration in the context of social change: some notes from the press in São Miguel -1920-1950” in *E-Journal of Portuguese History*, vol 7, nº 2, [http:// www.brown.edu](http://www.brown.edu)
- ROCHA, G. P. N. (2010), “Migrações, Crescimento e Envelhecimento Demográfico nos Açores” in Lucinda Fonseca (org) *Conferência Internacional – Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares*, Lisboa, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD): 139-154.
- ROCHA, G. P. N. e FERREIRA, E. (2010), “Territórios e dinâmicas migratórias nos Açores” in *Cidades, Comunidades e Territórios*, Lisboa, Centro de Estudos Territoriais (CET)/ISCTE-IUL: 97-110.
- ROCHA, G. P. N., MEDEIROS, O. H. R., FERREIRA, E. (2010), *Perfis e trajetórias dos imigrantes nos Açores*, Ponta Delgada, Governo Regional dos Açores/Direcção Regional das Comunidades.
- ROCHA, G. P. N., FERREIRA, E. e MENDES, D. (2011) *Entre dois mundos – emigração e regresso aos Açores*, Ponta Delgada, Governo dos Açores – Direcção Regional das Comunidades/ Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores.
- ROCHA, G. P. N. (2011), “As Regiões Insulares – Açores e Madeira” (power point) in *Portugal – (des) continuidades DEMOGRÁFICAS – uma análise a partir dos resultados preliminares do censo de 2011*, INE, [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (eventos realizados)
- RODRIGUES, J.D. e ROCHA, G.P.N. (2008) “A emigração açoriana para o Brasil: ritmos e destinos” in, Maria Izilda Matos, Fernando de Sousa, Alexandre Hecker (Org.), *Deslocamentos & Histórias: Os Portugueses*, Bauru, SP, EDUSC: 245-258.

## ANEXO

Tabela I. Relações de masculinidade na ilhas dos Açores nas idades compreendidas entre os 15 e os 54 anos em 1864

RM	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR
15-19	64,2	70,3	61,9	53,6	59,0	49,7	64,8	80,6	61,4
20-24	55,4	65,3	63,2	36,8	35,9	47,9	52,2	47,4	25
25-29	59,3	69,9	58,7	46,6	40,6	42,0	55,7	43,3	48,6
30-34	76,6	83,3	67,8	55,4	56,2	41,2	55,3	48,0	43,8
35-39	75,8	85,2	69,5	63,0	67,3	63,9	63,2	62,0	37,0
40-44	95,4	90,5	79,4	75,0	78,9	76,2	63,7	71,5	100
45-49	103,0	81,5	74,9	55,9	75,6	74,1	61,0	78,5	59,1
50-54	74,2	80,6	67,2	69,2	80,7	75,7	65,2	85,5	73,3

Fonte: INE, Recenseamentos da População

Tabela II. Relações de masculinidade na ilhas dos Açores nas idades compreendidas entre os 15 e os 54 anos em 1878

RM	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR
15-19	75,3	119,1	77,7	83,9	73,6	65,4	89,2	69,4	32,8
20-24	51,5	94,4	81,6	62,5	46,9	56,8	78,0	32,4	17,4
25-29	57,0	83,2	72,7	73,9	42,8	49,6	56,8	29,8	32,6
30-34	61,3	83,2	74,3	66,2	49,2	56,2	61,9	43,6	70,0
35-39	68,2	74,3	64,4	52,8	48,7	51,1	65,0	49,1	74,3
40-44	74,2	82,7	68,2	59,3	57,7	56,4	60,7	65,0	121,4
45-49	73,6	74,4	62,3	55,3	68,0	62,8	58,3	58,9	46,2
50-54	95,1	71,6	74,2	74,5	71,6	67,2	62,2	74,7	81,0

Fonte: INE, Recenseamentos da População

Tabela III. Relações de masculinidade na ilhas dos Açores nas idades compreendidas entre os 15 e os 54 anos em 1890

RM	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR
15-19	64,4	84,0	94,3	88,6	71,3	84,7	86,4	66,4	42,6
20-24	45,9	80,5	90,5	55,2	49,4	72,2	51,1	21,9	11,6
25-29	62,6	79,7	83,1	66,5	56,2	66,7	57,0	36,2	35,7
30-34	51,1	79,8	76,3	81,3	55,5	69,7	69,7	50,0	32,4
35-39	51,9	88,7	74,9	79,4	52,5	71,4	71,1	46,6	80,0
40-44	63,1	88,0	79,7	70,5	62,2	68,4	75,2	60,1	65,4
45-49	74,7	81,8	77,7	69,6	62,2	63,9	68,3	68,0	88,9
50-54	76,2	72,0	62,7	57,1	66,4	65,7	69,4	65,2	91,7

Fonte: INE, Recenseamentos da População

**Tabela IV.** Relações de masculinidade na ilhas dos Açores nas idades compreendidas entre os 15 e os 54 anos em 1900

RM	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR
15-19	80,3	85,7	102,6	107,9	92,3	101,2	86,9	76,9	90,5
20-24	71,5	96,9	87,6	99,3	58,9	80,4	75,7	53,7	38,2
25-29	71,5	85,4	80,6	88,1	62,3	78,5	82,4	39,1	51,7
30-34	64,4	83,5	84,1	79,8	67,0	64,0	72,9	46,4	48,4
35-39	60,4	83,3	80,0	87,6	66,9	65,9	92,8	45,5	40,0
40-44	60,0	83,7	83,4	101,1	70,4	67,6	80,3	78,5	51,9
45-49	59,5	80,2	78,7	84,2	65,3	70,8	90,6	59,8	83,3
50-54	73,0	79,2	78,8	78,3	60,5	62,6	60,9	62,7	60,7

Fonte: INE, Recenseamentos da População

**Tabela V.** Relações de masculinidade na ilhas dos Açores nas idades compreendidas entre os 15 e os 54 anos em 1911

RM	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR
15-19	97,6	100,8	88,5	122,3	88,4	95,7	81,0	86,1	81,8
20-24	71,4	86,0	75,4	117,4	56,9	71,0	73,3	37,9	21,9
25-29	65,0	79,7	76,2	87,4	65,2	74,4	74,5	46,9	67,9
30-34	68,2	80,6	76,3	89,0	67,1	79,2	77,2	58,1	85,0
35-39	62,0	80,2	78,4	97,1	63,2	81,4	75,4	54,8	72,2
40-44	69,3	81,7	77,5	81,4	77,8	75,5	68,5	50,0	50,0
45-49	64,9	80,2	92,7	67,7	61,8	74,5	66,7	55,7	78,9
50-54	65,8	76,0	72,9	95,6	70,9	71,4	71,8	69,0	52,0

Fonte: INE, Recenseamentos da População

**Tabela VI.** Relações de masculinidade na ilhas dos Açores nas idades compreendidas entre os 15 e os 54 anos em 1920

RM	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR
15-19	106,6	94,7	87,2	98,4	86,9	100,7	89,8	85,5	126,9
20-24	77,1	103,0	89,4	117,3	72,2	85,9	78,1	48,5	44,8
25-29	84,3	96,2	81,5	90,3	63,9	77,2	63,0	33,6	53,8
30-34	79,0	82,4	75,6	90,1	66,1	82,4	70,9	43,1	69,6
35-39	77,8	83,6	86,3	82,7	73,9	86,7	83,1	66,5	85,0
40-44	88,0	86,8	81,5	100,0	88,2	91,6	79,4	75,0	94,1
45-49	77,5	84,1	82,0	89,0	80,6	93,8	83,6	67,6	88,9
50-54	71,0	74,2	80,8	65,9	68,8	68,9	63,5	44,7	59,1

Fonte: INE, Recenseamentos da População

